



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS IV – NÚCLEO JACOBINA
CURSO DE PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO PARA PROFESSORES DAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

EDILENE MACHADO DOS SANTOS
MARIA NILMA DO NASCIMENTO GOMES
REJANE BARNABÉ LOPES
VIRGÍLIA SANTOS SAMPAIO

A INDISCIPLINA NA ESCOLA

Piritiba – Bahia

2001.

77

**INDISCIPLINA NO CICLO BÁSICO DE APRENDIZAGEM SEQUÊNCIAL
(CBAs)**

ORIENTADORA:

Professora Rita de Cássia Maskell Rapold

Psicóloga

Mestre em Psicologia da Educação.

Trabalho monográfico apresentado como exigência parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Rede UNEB 2000.

CONSULTA



UNEB - DEP. IV - JAC

A INDISCIPLINA NA ESCOLA

COMISSÃO EXAMINADORA

Piritiba, Novembro de 2001.

EDUCAR

Quando se trata de educar, em qualquer sentido que possa ter a palavra educação, é fundamental entrar em contato.

O contato vem através do conhecimento. Peça indispensável para a formação do conhecimento é a atenção.

Educar é estar atento, disponível, presente, para perceber quem é o outro. O ser que você se dispõe a educar precisa, antes de mais nada, ser conhecido, para poder ser amado.

Através do amor você conquista e através da conquista você educa, prepara para a vida, torna livre, independente, forte. Educar para a vida implica em preparar para buscas, incertezas, encontros, frustrações. Quando se está frente a frente com o filho, o aluno, o paciente, a criança dentro de um processo educacional, é preciso mais do que nunca estar sensível, para perceber que linguagem usar, que palavra calar, em que momento, com que jeito, de que forma.

Autor desconhecido.

“A Educação é feita com duas mãos;
uma que dá amor, proteção, aconchego e outra
que frustra, que diz não, que oferece a regra. O
equilíbrio é o ideal”.

J. Piaget

DEDICAMOS:

Aos nossos pais pela compreensão, carinho e apoio que tiveram para conosco durante estes dois anos de esforço, luta e trabalho.

Aos nossos esposos pela solidariedade e paciência que tiveram conosco.

E especialmente aos nossos filhos, que por serem ainda crianças souberam compreender a nossa ausência em casa e nos encorajaram a continuar na árdua batalha.

AGRADECEMOS:

Ao nosso Deus que nos concedeu a graça de vencermos mais um desafio com o intuito de crescermos mais em nossa profissão.

Ao Sr. Etemilson Sampaio Assis pela iniciativa e o empenho em trazer para a nossa comunidade o curso de pedagogia, sendo de extrema importância para a nossa vida pessoal e profissional.

Aos mestres e coordenadora do curso que nos conduziram nesta caminhada para chegarmos ao ápice desta jornada.

Aos amigos que direta ou indiretamente contribuíram para nossa formação.

À nossa orientadora professora Rita Rapold que nos subsidiou na elaboração deste trabalho monográfico.

SUMÁRIO

I-	Apresentação	9
II-	Indisciplina	13
III-	Metodologia.....	24
IV-	Resultados	26
	4.1 Entrevista com os pais	33
	4.2 Entrevista com os alunos.....	35
	4.3 Entrevista com os professores	36
V-	Análise dos Resultados.....	38
VI-	Conclusão	42
VII-	Bibliografia	50
VIII-	Anexos	53

I. APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata de um tema de grande relevância para os que atuam nas escolas e para os que querem participar da luta pela superação da indisciplina escolar.

Há muito, os distúrbios disciplinares deixaram de ser esporádicos e particulares no cotidiano das escolas brasileiras para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos nos dias atuais. Este tema é muito delicado e merece ser tratado com bastante cuidado em suas considerações, pois a maioria dos educadores não sabe com segurança como interpretar ou resolver o comportamento indisciplinado.

Não apenas professores, diretores e orientadores, mas também pais e os próprios alunos, com o tempo, tornaram-se vítimas do emaranhado de significados e valores que a indisciplina escolar comporta. Como entendê-la?

O comportamento indisciplinado dos alunos do Ciclo Básico de Aprendizagem Seqüencial (CBAs), está interferindo no processo ensino aprendizagem; em função disso, é fundamental que se verifique que fatores

contribuem para o comportamento de dispersão, desobediência e agressão dos alunos na escola e como isso traz conseqüências na aprendizagem.

✓ A indisciplina talvez, seja o inimigo principal do professor atual, que mesmo com manejo das correntes teóricas não consegue ainda propor saídas e metodologias que busquem atenuar esse quadro, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito didático-pedagógico.

Apesar da indisciplina existir a bastante tempo, o que estaria acontecendo para este problema alcançar um alto grau de discussão nas escolas? O que se passa com o exercício da profissão do docente? Diante dos muitos questionamentos, fomos levadas a considerar a indisciplina como um sintoma de outra ordem que não a estritamente escolar, mas que surge no interior da relação familiar educativa.

Uma vez detectados esses fatores, a escola deverá buscar subsídios para criar condições de alteração do comportamento dos alunos, estimular o interesse e elevar o índice de aprendizagem. Nas escolas Oficina Professora Gleidecelma Santos Lima, Joaquim Sampaio Neto, Basílio Catalá e Rui Barbosa situadas na sede e na zona rural do município de Piritiba, a realidade não é diferente. Em decorrência dos problemas que vêm acontecendo nas escolas, o ensino apresenta um rendimento pouco satisfatório para os professores que refletindo acham inaceitável presenciar comportamentos de indisciplina sem tentar interferir na situação como profissionais da área. Por isso, a decisão de investigar o fenômeno foi um desafio que nos foi colocado por estarmos envolvidas neste processo, como docentes destas instituições e uma vez que a escola, tem a importante missão de preparar os alunos para que cresçam como cidadãos conscientes da sua importância e do seu papel na sociedade.

Para nos relacionarmos bem com as outras pessoas, necessitamos estabelecer normas reconhecendo sua importância. O não reconhecimento da preparação para uma boa vivência em grupo, contribui para que o trabalho dos profissionais da educação tenha um rendimento pouco satisfatório.

Diante desses problemas, o que verdadeiramente deve ser feito para reverter esta situação? Porque este tema é assunto recorrente na discussão entre os envolvidos na área educacional? Pensando nisto, foram levantadas hipóteses que nos levaram a um estudo mais sistemático dos fatores, até então desconhecidos e que possivelmente interferem na indisciplina em sala de aula.

A idéia de organizar este trabalho com essa temática, nasceu do nosso compromisso político com um ensino de qualidade e, sobretudo, da constatação da sua importância na vida dos alunos para formação de novos hábitos disciplinares.

Esperamos que com esse trabalho educadores possam dispor de subsídios para superar as dificuldades apresentadas pelos alunos e desempenharem melhor seu trabalho. Estes compreenderão que para relacionar-se melhor com os colegas e participar da vida em sociedade há necessidade de obedecer e respeitar certos critérios disciplinares.

Conhecer e compreender as atitudes dos alunos só facilitará o trabalho em sala de aula, pois os docentes estarão envolvidos nesse processo de relação e respeito no dia-a-dia nas atividades para adquirir conhecimentos. Se olharmos não só para a nossa função enquanto docentes, de ensinar e dos alunos de aprenderem, mas também, para o lado psicológico e social, talvez descubramos saídas conjuntas que possam vir a contribuir para as elucidações dos problemas disciplinares em sala de aula.

Identificar os principais fatores que levam os alunos a apresentarem comportamentos de indisciplina e apontar meios de possíveis intervenções para este problema no Ciclo Básico de Aprendizagem Seqüencial, bem como, propor uma integração maior dos alunos entre si e com os professores foi o objetivo deste trabalho. Por isto, acreditamos ser de significativa relevância essa pesquisa realizada nessas quatro escolas que permitiu um conhecimento mais aprofundado sobre este tema, indicando possibilidades de reverter esta situação não só nas escolas citadas como possivelmente em outras que passam por semelhantes situações.

II. A INDISCIPLINA

Há longo tempo, profissionais que trabalham na Educação e em outras áreas, lutam constantemente para vencer uns dos grandes problemas educacionais: a indisciplina na escola.

A indisciplina em sala de aula é um problema enfrentado pelos educadores nas escolas públicas e particulares, e que ultimamente vem se agravando, uma vez que é difícil precisar com segurança quais são os fatores que contribuem para o seu aparecimento e assim, propor intervenções.

A indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência persistente; pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações pessoais com o seu semelhante. Segundo La Taille, Y. (1996, pág. 10) *"disciplina é bom porque sem ela há poucas chances de se levar a bom termo um processo de aprendizagem"*. Achamos ser indispensável haver disciplina para que se tenha um aprendizado de qualidade, e esta deve ser colocada de uma forma que o aluno entenda o porquê dessa necessidade e atenda, entendendo a sua importância.

Alguns comportamentos das crianças aparecem na escola como uma educação inadequada, em função disto, apresentam dificuldades em executar

tarefas e em alguns casos não valorizam os conhecimentos que lhes são transmitidos.

Um relacionamento saudável em sociedade depende muito da disciplina que temos. A escola é um dos meios que nos conduzem para uma boa convivência na sociedade; é também na escola que a criança adquire comportamentos socialmente desejáveis, para que ela possa no futuro, contribuir na mudança e, na transformação desta nossa sociedade injusta.

Segundo o filósofo Kant (apud. De La Taille, 1996), a disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem. Não se trata, portanto, apenas de "bons modos": trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo de sua condição animal. Permanecer parado e quieto num banco escolar é necessário, não para possibilitar o bom funcionamento da escola, mas para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos. Não nos parece que esta afirmação seja de todo procedente, pois esta forma de disciplina poderá causar na criança indignação, em outros casos também, pode ocorrer o contrário; quando a criança é reprimida fica frustrada e isso provavelmente trará seqüelas por muito tempo em sua vida.

Contrariamente a ele, Piaget (1996, p.11) aposta numa "auto-disciplina", não imposta de fora, mas inspirada pela busca pessoal de equilíbrio do auto-governo das crianças, nasceria uma disciplina mais estável e, aparente paradoxo, livre. Tais idéias tiveram e têm grande influência na educação moderna.

Acreditamos que Piaget tenha razão quando aposta numa auto-disciplina pois os valores devem ser trabalhados de forma que a criança construa sua auto-disciplina. Sabe-se que não é tarefa fácil, pois trabalhar com indivíduos de comportamentos diferentes é algo complicado e isso, com certeza, dificulta o início

de um trabalho dessa natureza. Mas o professor deve agir com persistência e perseverança em seus objetivos.

A ausência de regras claras por parte da escola contribui para a indisciplina dos alunos, pois os mesmos tiram proveito próprio da situação. Com isso, o professor fica exposto a situações constrangedoras. Daí a importância dele estabelecer uma parceria com os alunos na definição de regras na escola.

É função da escola ajudar os alunos a definirem seus valores e a agirem de acordo com eles. Uma pessoa sem valores definidos fica sujeita a toda espécie de influências. Na escola, a falta ou a indefinição de valores pode estar na origem das situações conflituais que levam à indisciplina. Segundo Raths (apud. Estrela, M. 1980), os alunos cujos valores são indefinidos manifestam apatia, instabilidade, insegurança, desinteresse e desorientação.

A autonomia conduz a auto-disciplina, mas é um percurso lento que cada um deve percorrer no seu ritmo próprio. Por isso o professor pode na mesma turma exercer diferentes graus de diretividade em função dos graus da autonomia e responsabilidade relevadas por cada aluno.

Como diz Rousseau J. J. (apud. Estrela, T. 1994), deixar o aluno sofrer as conseqüências dos seus atos é uma maneira de o levar a refletir mais sobre as suas decisões. Em vez de punir ou admoestar, o professor deve propor alternativas de ação ou facilitar a discussão das soluções logo que o aluno toma consciência das conseqüências das suas ações.

Pensamos semelhante ao filósofo, pois não é de forma brutal que resolvemos um problema de indisciplina na sala de aula e sim usando meios que os levem a refletir sobre o que estão fazendo e assim descobrirem que os valores são diferentes daqueles que são vigentes nos ambientes que os cercam. Sabemos que o

ambiente no qual vivem influi muito na atribuição de valores, pois o convívio com o meio, de vocabulários e costumes inadequados contribuem para a formação de valores, socialmente indesejáveis e inadequados.

Deve haver muito cuidado por parte do professor, pois parece que esta é a geração do "tanto faz": tanto faz passar de ano quanto não passar, estar ou não de castigo, falar ou não com os pais.

Nada parece atingir o aluno que pode ser vítima de erros educativos dos pais ou mestres. Sendo os pais, os que mais se empenham na tentativa de agradá-los como podem, porém, os filhos não se dão por satisfeitos com o que lhes é dado, por isso, não arcam com responsabilidades.

Segundo Freire P. (1987 p. 52): *"Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção"*.

Portanto, sendo o professor um mediador do conhecimento deverá dar espaço aos alunos para que eles sintam-se confiantes e acreditem na sua capacidade. O professor deverá valorizar a auto-estima do aluno, com isso, ele poderá ser encaminhado para a disciplina desejada, mas não descartando a possibilidade de considerar a disciplina, como um dos efeitos do poder exercido ou imposto pelo professor.

Freinet (2001, p.21) afirma: *"o educador deve ter a sensibilidade de atualizar sua prática e isso, aliás, é que faz com que ele ainda seja moderno"*.

Uma boa formação profissional, por si só, não garante a eficiência do processo de aprendizagem, uma vez que a qualidade do relacionamento professor/aluno deve nortear esse processo possibilitando a sua realização.

Para isso, ele deve trazer para o contexto da sala de aula atividades que despertem o interesse dos alunos e eliminem a postura do professor "sabe tudo". É importante ter um diálogo aberto, onde professor e alunos possam discutir normas comportamentais que deverão ser cumpridas pelos alunos, e o professor agirá como um provocador e mediador de situações num ambiente em que todos aprendam em comunhão. É na relação com o meio que as crianças se desenvolvem, construindo e reconstruindo suas hipóteses sobre o mundo que as cerca.

Pensemos no que acontece dentro da classe quando o professor tenta desenvolver o conteúdo de sua disciplina para crianças ou adolescentes desinteressados, apáticos, ou indisciplinados, talvez alguns professores desejassem puni-los severamente; expulsar da sala, tirar pontos, reprimir severa e exemplarmente "os maus elementos". Agindo dessa forma, talvez ele esteja contribuindo para aumentar a indisciplina e o desinteresse dos alunos pela aula, e até mesmo provocando revolta.

O professor para bem exercer as funções de educador, deve ter um bom equilíbrio emocional para saber contornar as dificuldades. Esse equilíbrio poderá estar diretamente ligado ao nível de maturidade afetivo emocional, à estrutura de sua personalidade e seus condicionamentos sócio-econômicos e culturais.

Para Jover A. (jun. / 1998, p. 34), *"a antiga escola era desse jeito que procedia para manter a disciplina. Tanto nas famílias como no ensino a disciplina era obtida a custa de medo, subserviência e coação. Continua a autora a sua reflexão, afirmando que se o ensino é um direito da criança e do adolescente e um dever do Estado no intuito de promover pessoas livres, autônomas, capazes de exercer a cidadania, não nos interessa criar um exército, amedrontado de pseudo-cidadãos. Por que agir de forma rudimentar na ordem da classe?"*

E conclui: *“Como queremos cidadãos livres e conscientes capazes de fazer suas próprias escolhas, vamos adotar o conceito atual de disciplina, que venha a ser o reconhecimento da atividade em grupo”*. Concordamos com a autora, pois este reconhecimento pressupõe da parte do aluno, valores ético anteriores à escolarização: entendimento de regras comuns, partilhas de responsabilidades, cooperação recíproca, solidariedade, etc.

Para desenvolver a ética relacional e a cidadania do aluno, a escola precisa educá-lo a fim de assumir os custos e as responsabilidades de seus atos, pois uma vez na sociedade, sua transgressão será simplesmente punida. E acima de tudo, reconhecer os direitos do outro, sendo que sem isso fica impossível a convivência em grupo.

Ninguém nasce rebelde ou indisciplinado: trata-se de um comportamento construído socialmente; o meio é importante para determinar e moldar o comportamento do indivíduo. A disciplina desejada hoje é a do interesse e da participação. É importante que o aluno fale, participe da aula, de modo que se possa acompanhar suas descobertas e sua aprendizagem, pois se sabe que a curiosidade é uma das características positivas salutaras das crianças, desde que o conhecimento não lhe parece impingido e, quando seus interesses e participação são estimulados.

O professor não deve ver a participação dos alunos como indisciplina, mas como momento relevante onde todos participem discutindo dentro do contexto. *“Quando o aluno se sente querido e valorizado, qualquer indisciplina se torna perfeitamente controlável”*, garante Carvalho N. (2001 p. 47). Continua ainda que *“o professor precisa ser firme, mas acima de tudo deve ouvir e entender as crianças e suas reivindicações”*, pois as mesmas não obedecem aos pais e professores por

falta de limites. Os pais não impõem regras na educação dos filhos, acham que liberdade é deixá-los à vontade para fazerem tudo o que querem.

Atualmente fala-se que os pais devem ser liberais e que não devem castigar sob pena de serem punidos pela justiça. Com essa deturpação do sentido "castigar", a criança beneficia-se, tirando proveito da situação. E esta extrapolação vem contribuindo para danos morais na vida da criança, como um todo e especialmente na instituição escolar. Observa-se com mais freqüência que a criança na escola como na família começa a transgredir regras achando-se protegida pela própria lei.

Como diz: Tiba I. (1998 p. 126). *A escola deve educar quem não conhece "boas maneiras" e reeducar aqueles que sabem, mas não aplicam seus conhecimentos". A punição deve existir quando nenhuma combinação entre as partes for eficiente.*

A criança quando é indisciplinada na escola, exerce também grande influência no comportamento dos colegas. Esses por vezes deixam-se levar pelos colegas e aderem a indisciplina.

Couto C. (1999) afirma que um dos maiores problemas que geram a indisciplina é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que atinge muitas crianças, levando-as à falta de atenção às atividades escolares, apresentando dificuldade em chegar ao final das lições, dos trabalhos escolares, e distraíndo-se facilmente, etc. Crianças hiperativas não são somente aquelas que remexem na carteira, falam sem parar, pulam a ponto de serem expulsas da escola, tiram nota baixa, agredem os colegas etc. Podem ser também aquelas crianças distraídas que estão sempre dispersas. É válido ressaltar que segundo os

especialistas nem todas as crianças agitadas ou distraídas sofrem de hiperatividade, é necessária uma avaliação bem detalhada para chegar a um diagnóstico.

A hiperatividade, problema que aparece antes dos sete anos e só vai surgir uma melhora do quadro na idade adulta, só será tratado através da psicoterapia ou intervenção clínica farmacológica, e muita paciência, por parte de quem convive com eles.

Segundo Rhode (apud. Couto C, 1999) esse problema pode ser genético, pois uma lesão cerebral mínima pode ocorrer em função de problemas durante o parto ou gravidez. Sabe-se que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é transmitido de pais para filhos.

Situações como: pais ou mães alcoólatras, famílias desestruturadas, podem contribuir como ambiente favorável para que o distúrbio se manifeste, sem dúvida, temos vários casos de crianças que agredem fisicamente seus colegas, e nós professores podemos interferir se soubermos que essa criança é realmente problemática. Ela poderá ser expulsa da escola tradicional, e ir para a escola especializada, isso quando na cidade onde reside dispõe deste tipo de atendimento. Em cidades de pequeno porte como em Piritiba, na realidade não dispomos desse tipo de serviço e a criança acaba ficando muitas vezes sem estudo, na rua, aumentando o índice de evasão escolar, prejudicando cada vez mais a criança.

Segundo Maffesoli, M. (1988, p.78) impor, desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os esforços, o tempo, as relações afetuais entre os alunos geram uma reação que explode na indisciplina e na violência banal. Neste sentido trabalhar, com companheirismo, conversa aberta, valorizando, considerando e gerando espaços para debates que leva a concordância, talvez sejam caminhos para superação do problema de indisciplina na escola, pois existem possibilidades

de que o grande problema esteja no fato do professor pensar e agir de acordo com a posição que ocupa, ou seja, muitas vezes abusando do poder que exerce, objetivando assim eliminar os problemas de indisciplina.

É válido ressaltar que o professor não é o dono da verdade e sim mediador, sendo ele uma autoridade na escola, como também um orientador da classe para que ela construa seu jeito de aprender, cada vez mais e melhor. Pouco a pouco na prática, a turma vai percebendo a legitimidade dessa autonomia através daquilo que vive.

Diz Fonseca, W, (1996 p.19) que seja qual for sua linha de ensino, a proximidade com os alunos sempre dará ao professor a chance de conhecer o que os alunos sabem e de avaliar melhor as dificuldades por eles apresentadas. Por isso, manter uma postura autoritária é ruim como também perder a autoridade não é nada bom para ambas as partes.

Para achar o meio-termo entre essas posições, o autor sugere:

- Lembrar-se de que o papel do professor é transformar outra pessoa, mas sem moldá-la à sua própria imagem.
- Não se colocar como um ser ideal.
- Ter atitudes acolhedoras.
- Respeitar o aluno, estar atento ao esforço dele e cultivar sua confiança.
- Relacionar-se com cada um e ao mesmo tempo com toda a turma.
- Ser hábil na escolha e apresentação de atividades e envolver-se no trabalho junto com a classe.
- Criar estratégias indiretas de controle.
- Ter boas expectativas em relação à turma toda.

—Discutir com os colegas, com o orientador e com a própria classe (desde que isso não piore as coisas) os conflitos que você tem com a turma.

Quando Freire P. (1992, p.33) afirma que:

“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”.

Os conteúdos trabalhados e discutidos abrem assim espaço para que essas crianças entendam e absorvam mais facilmente os contextos trabalhados pelo professor, isso depois de valorizá-los no sentido de sua auto-estima.

A realidade de Piritiba quanto ao fenômeno da indisciplina em sala de aula não é diferente, pois ouvimos relatos de crianças problemáticas, filhos de pais separados, alcoólatras, drogados, vítimas de violência de toda ordem, crianças que vivem em espaço doméstico exíguo, ou seja, pouco espaço para seis, sete, ou mais irmãos, crianças que trabalham como catadores de lixo, que vivem em favelas vendo violência e miséria, assustados, convivendo em áreas descuidadas pelo poder público. Eles perguntam porque não há miséria, lixo no coração dos bairros ricos? Então por que não trabalhar, discutir, debater as implicações políticas e sociais de tal descaso dos governantes pelas áreas pobres da cidade?

Na nossa opinião tal descaso sobre esses fatos, sem dúvida, é um dos principais problemas que leva à indisciplina. O professor tem que desempenhar diversos papéis como mestre, educador, amigo, pai, psicólogo, agindo com muita paciência, e acima de tudo sensibilidade, sabendo lidar com todos esses fatos,

tentando levar o aluno a superar tudo isso com maturidade. Deve trabalhar os conteúdos sociais, levando a criança à verdadeira realidade, ou seja, aceitar e lutar tendo esperança de um futuro melhor.

III. METODOLOGIA

Para compreender o comportamento de crianças rebeldes e indisciplinadas fomos tentar detectar através de análise durante um certo período, o cotidiano dos alunos nas escolas e no ambiente familiar.

Tendo em vista nossa necessidade como pesquisadoras em escolher uma metodologia que nos levasse a obter dados satisfatórios para o desenvolvimento deste trabalho, houve por nossa parte, a preocupação em buscar compreender os fatores que desencadeiam a indisciplina em sala de aula. Pensando nisto, a equipe procurou escolher um método viável para colher respostas e apresentar um trabalho de qualidade.

Para isto, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: 1) levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo, que se fez necessário para que tivéssemos maior fundamentação sobre o tema desejado; 2) observação direta dos alunos no recreio e em sala de aula, sendo também observados alguns professores que ensinavam na série de estudo (Ciclo Básico de Aprendizagem Seqüencial). Esse procedimento nos permitiu conhecer um pouco mais a realidade dos alunos e professores no seu dia-a-dia; 3) Entrevistou-se alguns alunos que apresentavam

comportamentos indisciplinados em sala de aula e professores observados nas respectivas práticas pedagógicas.

Devido a nossa presença constante naquelas unidades escolares, os pais, alunos e professores já se sentiam familiarizados conosco porque éramos professores daquelas escolas. Portanto, houve maior facilidade no relacionamento entre todos, o que nos deixou à vontade para entrevistá-los e a eles para darem respostas. Daí a importância do contato prévio com o ambiente a ser pesquisado.

O estudo foi pautado também nas nossas experiências como educadoras, essencialmente instrumentos teóricos metodológicos, havendo assim, uma postura reflexiva e crítica e subsidiados nos relatos dos pais, professores, alunos e nas observações realizadas.

As entrevistas com os professores e alunos foram realizadas nas escolas Oficina Professora Gleidecelma Santos Lima, Joaquim Sampaio Neto, Basílio Catalá e Rui Barbosa com duração média de trinta minutos, variando entre professor, alunos e pais. As entrevistas com os pais foram realizadas em casa e na escola.

Para todos os depoentes tentou-se usar procedimento único.

Os resultados tanto das entrevistas como os das observações foram registradas no ato da sessão.

IV. RESULTADOS

Entender as formas de raciocínio das crianças ajudou-nos também a trabalhar seus comportamentos. Comportar-se é algo que precisa ser aprendido tanto quanto o programa de qualquer disciplina.

Mediante o comportamento apresentado pelos alunos do Ciclo Básico de Aprendizagem Seqüencial (CBAs) fomos em busca dos fatores que levam os alunos a serem indisciplinados. A partir das observações feitas discorreremos os resultados obtidos.

Na observação feita na escola B. C, uma componente da equipe registrou os aspectos físicos do ambiente. Era uma sala espaçosa, bem iluminada e arejada. Havia quatorze alunos, sendo a maioria meninos.

A professora falava andando de um lado para outro da sala, mas os alunos não paravam sentados e muito menos quietos. Aos poucos, eles começaram a sair da sala sorrateiramente sem pedir permissão à regente. Vários deles não retornaram à sala, ficando cerca de sete alunos presentes.

Se a quantidade de alunos presentes era pouca, menor ainda era o interesse deles pela aula, pois a professora, pedia que eles fizessem silêncio e

cumprissem a atividade. Mas eles não atendiam o pedido feito por ela; transparecendo assim, a sua falta de controle sobre os alunos e a indisciplina dos mesmos que, corriam, gritavam, batiam o lápis nas carteiras chegando até derrubar a atividade dos colegas que estavam sentados.

A professora falava e os alunos não obedeciam; ela entregou a tarefa e um dos alunos falou com rebeldia: *“não me dê, porque não vou fazer e a senhora sabe que não faço!”* E ele continuou com brincadeiras perturbando outros colegas, não obedecendo à professora e não fazendo a tarefa.

A indisciplina era bastante e não zelavam pela limpeza da sala de aula; recortando papéis e jogando no chão juntamente com os papéis de balas; parecendo que eles desconheciam o significado de sala limpa e muito menos a utilidade daquela cestinha lá no canto junto à lousa.

Esta sala era formada por alunos bi e tri repetentes com a faixa-etária entre 10 e 12 anos. Percebeu-se que as atividades desenvolvidas não eram adequadas para essa faixa etária. Nada de inovador foi apresentado para despertar nos alunos o interesse pela aula.

No meio desse quadro caótico em que se encontrava a sala de aula, mais um aluno perambulava batendo na folha com um lápis a tarefa incompleta.

A regente não impunha sua autoridade, seu papel controlador, ao invés gritava de um lado tentando se comunicar e mostrar quem fala mais alto e os alunos respondiam no mesmo tom dela. Os alunos não a respeitam.

Foi observado na mesma escola, mas em sala diferente, que o espaço físico era insuficiente para comportar a grande quantidade de carteiras, pois eram trinta e dois alunos presentes, sendo a maioria meninos.

O ambiente não era bem iluminado e nem ventilado porque a sala não tinha janelas, mas sim, comongós bem altos. A sala ficava próxima às árvores que tinham copas grandes, fazendo então, bastante sombra que escurecia a sala.

Foi revelada uma certa barreira entre o relacionamento professor e aluno, quando o discente não tem a oportunidade e o direito à livre expressão. Cada vez que eles tentam se expressar são castrados e ameaçados de punição. Quando a observadora entrou na sala havia um aluno ajoelhado atrás da mesa da professora, por ter praticado alguma indisciplina, depois de algum tempo ele pediu para ir ao banheiro e ao retornar, continuou de castigo só que não mais ajoelhado e sim de pé, só saindo ao tocar a sirene.

Foi realizada uma atividade que despertou o interesse dos alunos; a troca de bilhetes entre os colegas, na qual a observadora também participou. Os que não sabiam ler e escrever ficaram esquecidos pela professora e os outros colegas, sendo que para esses não foi aplicado nenhuma atividade.

Observando uma sala de aula da escola M.R.B. percebeu-se que o ambiente não tinha iluminação, o telhado era ruim e quando chovia não havia aula pois os alunos não conseguiam se concentrar ao verem a sala quase toda molhada. A ventilação era ótima por ter duas janelas grandes, o espaço era adequado para a quantidade de discentes que freqüentava a aula, sendo cerca de vinte e cinco alunos.

Os discentes brincavam todo tempo, a professora passou uma atividade e eles ficaram sem fazer alegando não saberem. Enquanto alguns resolveram fazer, os demais não demonstraram interesse, soltavam palavrões, gritavam na sala, respondendo à professora, não a respeitando e nem aos colegas. Ela às vezes

gritava com eles e colocava-os de castigo, não surtindo efeito, parecendo que essa punição só piorava a situação, tornando-os cada vez indisciplinados.

Na observação feita na Escola J.S.N., foi verificado que a sala de aula apresentava aspectos apropriados, de forma que os alunos se sentiam bastante confortáveis.

O aspecto físico era agradável, arejado e iluminado, e as crianças demonstravam estar bem no ambiente.

Quem dava aula não era a professora titular, mas a sua substituta que falava com os alunos, às vezes com tom de voz elevado. Foi observado o comportamento inadequado de alguns alunos, caminhando sobre as carteiras, cuspiam na sala durante toda a aula, mas a professora não percebia, pois alguns alunos além de muito ativos costumam ser às vezes desinteressados atrapalhando não só o colega como o trabalho da professora.

Observamos outra sala de aula na mesma escola, mas em turno oposto e vimos as condições da mesma quanto ao espaço físico; não era uma sala ampla, os alunos e professores circulavam entre as carteiras com dificuldade havia pouca luminosidade e pouca ventilação, as paredes estavam limpas e o mobiliário bem conservado. Os alunos estavam desenhando uma casa, pois a professora havia contado uma história sobre esse tema: a casa de chocolate. Todos se esforçavam fazendo seus desenhos, quando um dos alunos disse para o colega que ele era "burro" dirigindo ao mesmo outros palavrões. Outro aluno pediu a professora para ir ao banheiro, ela porém balançou o dedo dizendo que não, o menino disse que estava apertado, a professora respondeu: "*você não está nada apertado, espere para ir no recreio*", ainda faltava muito tempo para o horário do recreio.

Estavam presentes na sala um total de vinte e uma crianças, sendo que catorze eram meninos e sete meninas. A docente advertiu para a turma que só iria para o recreio quem concluísse a atividade e copiasse a história que se encontrava na lousa. Após essa atividade, outra lhes foi passada.

Os alunos descalços circulavam de um lado para o outro da sala, jogavam papel no chão, faziam ponta de lápis embaixo das carteiras, arrastavam as cadeiras e falavam quase todos de uma só vez, espalhando o material didático (lápiz, borracha, etc) por toda a sala.

Ao retornarem do recreio os alunos começaram outra atividade escrita, sendo esta no caderno de classe, eles deveriam formar frases a partir da história, essa atividade foi passada de forma seca e sem nenhuma motivação, os discentes gritavam e falavam em um tom bastante elevado. Eles não haviam concluído a tarefa relacionada às frases e a professora já entregou para a turma outro caderno de dever de casa. Um aluno reclamou exclamando *"ih! véiu"* tanto dever, e queixou-se que a sua mão já estava doendo, a professora respondeu: não tem nada não, *"pior é minha cabeça que já está doendo"*, vocês conversam o tempo todo. Toda a preocupação da professora estava apenas em copiar no quadro o exercício, não se preocupando com os alunos para saber se eles estavam ou não precisando de ajuda. Quanto mais vocês conversam, mais eu aumento o dever, afirmou a professora para as crianças.

Conforme falou a professora sobre a quantidade do exercício, sua palavra se cumpriu. Mas não intimidou os alunos e nem fez com que eles se mantivessem quietos, pelo contrário, eles agitaram-se ainda mais na tentativa de intimidar a professora fazendo-a parar com a atividade.

Não bastando o caos no qual se encontrava a sala, houve um aluno que disse: *“eu não venho mais para esta escola!”* Outro em seguida falou: *“não vou copiar porra de nada não!”* Outro disse: *“se eu me retar vou tirar a roupa e ficar nu!”* Observou-se com isso que o vocabulário usado pelos alunos era inadequado para um ambiente que tem como objetivo prepará-los para viver em sociedade.

Os alunos eram da faixa-etária entre oito e treze anos de idade. Mas parecia não haver limites, pois o chão estava sujo coberto de pontas de lápis. Um aluno sentou-se no chão e curvando-se copiou o dever. Após alguns minutos ele resolveu deitar-se próximo à cadeira da professora. Outra criança ajoelhou-se na carteira da mesma e, em seguida, mais três crianças aproximaram-se daquele que ali estava e estes também, fizeram o mesmo que o primeiro; debruçados, cadernos no chão, pés para o alto foram escrevendo.

A professora não pareceu se incomodar com a postura dos alunos, muito menos ainda se preocupou em explicar a atividade que eles deveriam fazer.

Ao tocar o sino para os alunos saírem para o recreio, vários deles não esperavam sua vez; empurravam os colegas na tentativa de saírem primeiro, chegando a derrubar e machucar alguns. A observadora ao conversar com alguns alunos sobre as brincadeiras preferidas deles obteve como resposta que gostavam de brincar como se passava nos filmes, porque corriam, pulavam, lutavam e achavam bonito o que passava na televisão.

Outras crianças brincavam, faziam alguns gestos considerados obscenos e apalpavam partes do corpo dos colegas. Os alunos vítimas desses tipos de brincadeiras, choravam e iam queixar-se a diretora e a professora.

As crianças não se organizavam para brincar de forma que não machucassem seus colegas; queriam participar de qualquer maneira indisciplinadamente.

O recreio tinha duração de trinta minutos. Durante esse período, os alunos brincavam, brigavam, espancavam alguns colegas e sujavam as paredes da escola, transparecendo assim, não haver preocupação em manter conservada a limpeza dessa escola que estava visivelmente recém-pintada.

Durante o recreio, circulavam pelo pátio a diretora e auxiliares da secretaria na tentativa de impor ordem nos alunos, pois os colegas agredidos iam queixar-se chorando aos professores e diretor. No meio desse quadro, os indisciplinados eram levados a secretaria onde tentavam explicar o que havia ocorrido.

Através das brincadeiras praticadas pelos alunos no recreio, pôde-se perceber que a televisão exerce grande influência sobre eles. As crianças brincam agressivamente, sendo talvez, efeito dos filmes violentos por eles assistidos, não levando em conta a gravidade da brincadeira que poderá terminar deixando seqüelas entre eles.

Pôde-se perceber que os alunos tinham preferência por jogos diversificados, visando sempre ganhar, até mesmo ultrapassando as regras usando a violência para obter os resultados satisfatórios.

O professor atuava como orientador nos jogos, estimulando-os a brincarem com amor e parceria, e levando a compreender que não pode desobedecer as regras de um jogo.

4.1- Entrevista com os pais

O período das observações no recreio e em sala de aula, ocorreu em data diferente das entrevistas com alguns pais tendo como objetivo verificar a opinião destes sobre o comportamento de indisciplina dos seus filhos.

Os resultados obtidos levaram-nos a compreender que para eles, a maior parte dos comportamentos indisciplinados como: rebeldia, agressividade, desobediência, desacato e intransigência, em alguns casos se dão devido à quantidade de pessoas que dividem um pequeno espaço familiar. A renda familiar na maioria dos casos entrevistados é insuficiente para se manterem, pois freqüentemente só uma pessoa trabalha, ficando com a responsabilidade de assumir todas as despesas da casa, algumas vezes raramente recebendo salário mínimo. Daí, então, surge o desespero e muitos buscam os vícios como forma de fugir da dura realidade, que pode provocar aflição, que em última análise pode levar ao comportamento de fuga como o uso de drogas, do álcool, jogo etc.

Em outro depoimento, a depoente relatou que a ausência em casa da figura paterna pode contribuir para um comportamento desajustado dos filhos no lar.

Um outro depoente alegou passar a maior parte do tempo fora de casa, devido à necessidade de trabalhar para manter o sustento da família. Ele deixava seus filhos uns aos cuidados dos outros e às vezes, até mesmo sozinhos.

Os pais disseram acreditar que durante as suas ausências freqüentes, os filhos podiam sair de casa e praticar alguma coisa incorreta na rua, pois eles sabiam que estavam sozinhos, não havendo um responsável para reclamá-los.

Muitos deles disseram que não davam a assistência devida aos filhos porque não dispunham de tempo para suprir as necessidades afetivas que toda criança gosta como: amor, carinho, atenção.

Quando retornavam para casa, cansados do trabalho ou contrariados com alguma coisa que tinha acontecido já não tinham mais paciência com os filhos, falavam gritando e quando recebia alguma queixa deles, batiam, por acreditar que assim os corrigiriam.

Alguns dos filhos davam muito trabalho para ir à escola, então eles passavam raiva logo cedo. Era uma dificuldade terrível para acordá-los. Os filhos não se comportam bem na escola e a professora sempre mandava recados para eles. Sendo talvez um dos motivos também para espancá-los quando chegavam do trabalho.

Poucas eram as vezes em que pais e filhos sentavam para conversar. Isso acontecia em alguns fins de semanas quando estavam descansados. Aproveitando então a ocasião para aconselhá-los na tentativa de melhorar o comportamento e o relacionamento dos filhos no ambiente familiar, na escola e em sociedade como todo.

Em depoimento, a mãe Z.A.O. relatou o seguinte: *“Oh! Minha fia, eu vou mandar ele ir morar com o pai porque ele não me obedece”*.

Analisado o depoimento percebemos que a ausência de um dos cônjuges torna a convivência difícil, quando a responsabilidade que é dos dois, recai apenas sobre um, fato que pode contribuir para o desajuste na família. Sendo o pai o cabeça da família normalmente há temor por parte dos filhos quando a presença paterna é constante no lar, pois há casos em que os filhos não respeitam e nem obedecem as mães, sendo possivelmente este o motivo que levou a depoente a falar sobre quem deveria cuidar do filho.

4.2 - Entrevista com os alunos.

Nos depoimentos dados pelos alunos, 70% (setenta por cento) dos depoentes moravam com ambos os pais e 30% (trinta por cento) apenas com um deles.

Informaram as crianças que a maior parte do tempo, ficavam sozinhas em casa, pois os pais saíam para trabalhar não havendo, adultos, com quem deixá-los. Na ausência dos pais os irmãos se responsabilizavam pelos outros.

Os pais exerciam profissões diversificadas como: pedreiro, magarefe, verdureiro, vaqueiro, doméstica, e lavradores, por isso, passavam muito tempo fora de casa, não podendo orientá-los nas tarefas escolares, sendo raras as vezes que conseguiam fazê-las. Quando isso acontecia era porque uns dos irmãos tinha ajudado ou mesmo feito para ele. A ausência dos pais no lar, também foi apontado como responsável pelo não recebimento da afetividade necessária como atenção, amor, carinho tornando a convivência difícil, pois quando os pais retornavam do trabalho começavam logo a reclamar com eles, não tendo paciência para conversar.

Quanto ao relacionamento dos alunos entrevistados estes demonstraram gostar dos seus colegas, por serem eles educados, porém da escola não gostavam da obrigatoriedade de freqüentá-la, de brincar, ir ao banheiro, ser reclamado, ficar de castigo, e de brigar, pois quando ficavam quietos algumas vezes vinha um colega para incomodar. Eles alegaram que a falta de educação e diálogo faziam com que seus colegas tivessem comportamentos desajustados.

4.3 - Entrevista com os professores.

Nos resultados das entrevistas com os docentes podemos verificar que a maior parte destes, conceituava a disciplina como cumprimento das normas determinadas dentro do ambiente escolar, deixando claro que a indisciplina para os mesmos é a falta deste comportamento.

A professora T.B. relatou: *“os alunos apresentavam dificuldade na leitura, por isso eles não se interessavam pelos assuntos dados e começavam a conversar levando a sala à desordem, desviando a atenção dos demais”*.

Outra regente entrevistada falou que: *“Devido à idade, o comportamento não é como queremos, pois eles têm muita energia e querem extravasá-la de todas as formas, inclusive com agressões físicas aos colegas”*.

Alguns professores atribuíram a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família assim como a desarticulação do modo familiar, por causa de alguns problemas que acontecem em casa como: maus tratos, vícios, fome, a falta de compromisso dos pais e orientação apresentando desinteresses.

A professora T.B. ao ser entrevistada respondeu:

“No decorrer do ano letivo observou que sempre nas segundas-feiras os alunos chegavam agressivos, havia muita conversa paralela não tendo um bom rendimento. Como eles permaneciam durante o fim de semana afastados da escola, ou seja, em outro ambiente, vivenciando outra realidade, muitas são as novidades para atualizar, motivo que gerava tanto barulho na sala, observou que até mesmo o conteúdo trabalhado não despertava interesse e participação tanto quanto as conversas paralelas”.

Foram também citados outros motivos como: a falta do diálogo entre professor e aluno, por não fazer parte da sua vida familiar, uma vez que o relacionamento é difícil devido ao desajustamento em família, alguns por terem pais separados sentiam-se feridos, magoados, e às vezes com razão.

Um professor apontou que é importante trabalhar com atividades que despertem o interesse dos alunos, buscando a participação desenvolvendo o diálogo com o intuito de ajudar a compreender seus problemas. Cabe também especialmente a família educá-los para depois a escola iniciar o processo de ajustamento social devendo haver mais entrosamento com a família, professor e direção. Contar também quando possível com a ajuda de um psicólogo para fazer o acompanhamento não apenas com os alunos, mas também com os pais, conscientizando-os das suas responsabilidades exercendo o domínio sobre os seus filhos, seria desejável.

A professora relatou: *“Trabalhei o primeiro semestre em cima deste mau comportamento e não obtive sucesso. Vejo uma luz no fundo do poço, que é a possibilidade de uma auxiliar na sala de aula para trabalhar com os alunos problemas”*.

Esse professor indicou que se faz necessário em sala de aula uma breve advertência levando-as a refletir, sobre certas atitudes, levando a conscientização de bons hábitos para uma formação como cidadãos.

V. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando o comportamento dos alunos, pudemos perceber que os problemas de indisciplina embora sejam antigos somente agora estão sendo objeto de estudo. Quando perguntamos aos professores sobre os fatores que levam à indisciplina escolar, obtivemos como resposta a enunciação de vários fatores biológicos familiares e sociais que podem interferir no comportamento das crianças, criando problemas para a aprendizagem.

Em um dos depoimentos da professora A.P.S.S. foi apontado a falta de limites na família, uma vez que esta transfere a sua responsabilidade para a escola, não devendo haver dicotomia, sendo que é de competência de ambas as instituições.

Como diz Carvalho N. (2001) os filhos não obedecem aos pais por falta de limites, pois os mesmos não impõem regras na educação dos filhos. Na escola o professor deve trabalhar os valores e ser firme, mas acima de tudo deve ouvir e entender as crianças e suas reivindicações. Ressaltamos também que a escola deve resgatar os valores morais para que nossas crianças aprendam a respeitar os colegas e compreender que o nosso direito termina no limite do outro.

A indisciplina em sala de aula seria decorrência da falta de valores do nosso tempo como: respeito pelos professores e colegas; zelo pelo patrimônio; cumprimento das tarefas escolares... Esses valores foram deixados de lado o que os professores não deveriam ter permitido. Os valores estão se afastando cada vez mais dos nossos dias atuais. A falta de valores faz com que as crianças ajam como bem querem, pois não há regras para impedi-las e a ponto de recriminá-las.

Tudo aquilo que não segue a uma regra moral é considerado como incidente, sendo na escola então, é uma indisciplina. Dessa forma, a criança disciplinada é aquela que se encaixa no molde de uma criança ideal, e a indisciplinada é ao contrário, aquela cuja imagem aparece oficialmente fora do centro.

O que nós profissionais da educação almejamos na atualidade é que nossos alunos tornem-se cidadãos críticos capazes de refletir sobre os acontecimentos da sociedade, podendo discernir o adequado do inadequado, sendo mesmo necessário e fundamental para vivência social.

Não se deseja mais que o aluno aprenda tudo de uma vez, pois a aprendizagem é um processo lento e contínuo. Ele aprende participando, vivenciando os sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos e escolhendo procedimentos para atingir objetivos. Daí a capacidade do professor em saber interferir no momento oportuno, conduzindo-os no caminho certo, na tentativa de melhorar o comportamento dos discentes.

Quais os significados da indisciplina escolar? E quais os recursos possíveis de enfrentamento do tema quando tomado como objeto de reflexão e ou problema concreto?

Alguns relatos feitos pelos professores testemunham que a questão disciplinar é atualmente, uma das dificuldades principais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos como bagunça, tumulto, falta de limites, mau comportamento, desrespeito aos colegas e autoridades escolares. Os professores alegam que os pais não têm mais autoridade sobre os filhos e como não conseguem contornar esta situação, eles jogam este problema para a escola resolver.

Em um dos depoimentos, foi colocado que alguns pais mandam os professores baterem e colocarem os filhos de castigo, deixar sem o recreio para que eles obedeçam e assim seja também uma forma de puni-los por algo de errado que praticaram em casa. O disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.

Diz Maffesoli M. (1988, p. 78) impor desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os esforços, o tempo, as relações afetuais entre os alunos geram uma reação que explode na indisciplina. Baseado em alguns depoimentos de pais pudemos perceber que as atitudes dos mesmos e suas práticas de criação e educação interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

Durante o período de observação em sala de aula pudemos perceber que alguns colegas ainda usam o castigo como forma disciplinar. Embora tenha sido abolido o uso da palmatória como agressão mais temida pelo aluno, em seu lugar ficaram as punições como: ajoelhar-se e manter-se de pé por algum período, práticas comuns no século passado!

A relação professor/aluno já vem abalada por embates e desafios; os problemas infra-estruturais como os salários e a precariedade das condições físicas, os problemas sociais e de relacionamento.

Para o professor é muito importante estar atento para que os alunos não o dominem. Isto ocorrendo o mestre não terá autoridade sobre os discentes.

Sendo assim é possível imaginar que talvez a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida na relação família/escola, já que na nossa sociedade elas são os principais meios educativos. Sendo de grande importância que esta relação seja boa, amigável e que o professor seja compreensível para que ele conquiste a confiança e respeito do aluno. Numa relação em que existe o diálogo seja ela escolar ou de outra natureza deve haver uma ação afetiva da família no intuito de melhorar definir o seu papel buscando assim, um meio que seja condizente na tentativa de melhorar o contexto em que ele está inserido.

Em alguns depoimentos dos alunos, eles relataram a ausência afetiva por parte de familiares importantes e buscavam afetividade em alguns colegas e professores como meio de suprir essa necessidade, daí a importância da escola buscar a parceria da família como forma de amenizar esta realidade.

VI. CONCLUSÃO

Com base no que foi apresentado, podemos refletir que a definição de indisciplina é muito ampla e de difícil conceituação. A solução do problema de indisciplina na escola é um dos grandes desafios para o ensino nos dias atuais.

Ao lidar com atos indisciplinados na escola os educadores devem fazer com que os alunos conheçam com mais precisão a forma como a mesma é organizada. Para tanto sugerimos que um dos caminhos seja fazer com que eles tenham conhecimento da organização a qual pertencem, compreendendo o valor de cada funcionário como parte integrante da escola, num comportamento de defesa.

Podemos pensar que a indisciplina é um problema inerente ao processo educacional, não expressando apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões do controle homogeneizador imposto pela escola.

Pensando nisso tentaremos apontar soluções que poderão contribuir para diminuir a indisciplina:

Consideramos que a indisciplina na escola é um fenômeno que decorre da sociedade e do sistema de ensino; ela é também um fenômeno essencialmente

escolar tão antigo como a própria escola e não se sabe como evitá-la, pois a mesma aparece sobre a forma de conflito que incorpora uma capacidade de resistência, rebelião, uso da força física ou mental.

Os fatores que contribuem na indisciplina podem portanto, ser apontados na sociedade, na escola, no professor, na família e no aluno. A sociedade está a todo instante, distribuindo situações, estímulos negativos que predisõem à indisciplina. As desigualdades sociais e econômicas, a crise de valores e o conflito de gerações são alguns fatores que explicam os desequilíbrios que afetam tanto a vida social como a vida escolar.

A família com a necessidade social não dá atenção necessária aos filhos e esses compromissos vêm aumentando assustadoramente. Aos poucos, transferem para outras instituições, notadamente a escola, a responsabilidade de educar seus filhos. Não entendendo eles que a escola sozinha é insuficiente para educar e que necessita da ajuda da família, caso contrário, são poucas as possibilidades de bons resultados da escola. Mas muitos pais teimam em se darem por desencarregados dos deveres de educadores achando que se mandam os filhos à escola então é só dever da mesma educá-los.

Outro fator, talvez antes não conhecido, é a indisciplina decorrente da contestação. Concepções ideológicas que se desenvolvem entre muitos educandos que são convencidos de que tudo está errado, portanto é preciso derrubar tudo e tudo refazer de forma radical.

Nesta fase, a criança está construindo as operações formais - segundo uma visão piagetiana próprias da inteligência. O indivíduo desliga-se do conteúdo material começando a pensar sobre as proposições ou declarações feitas a respeito

desse conteúdo; passando a raciocinar com base nas formas, isto é, nos símbolos matemáticos ou esquemas verbais.

Esse tipo de raciocínio pode ligar proposições nas quais nem sempre o indivíduo acredita, mas que podem ser admitidas para que conseqüências possíveis de atos que possam ser verificadas, sem que os mesmos ocorram na realidade. Tendem, então, esses educandos, para uma motivação de engajamento em movimentos de questionamentos devido aos contextos vividos como o propósito de estar sempre questionando. É claro perceber que, com esta atitude, é difícil a escola conseguir ser um ambiente de disciplina construtiva.

É importante, segundo Piaget (1992) favorecer o progresso operatório do aluno e, a maneira mais adequada para isso, consiste em ensinar as noções básicas do pensamento, isto é, as noções operatórias. As atividades de aprendizagem se articulam em termos de noções como a classificação, a seriação, a inclusão, a conversação, etc. Isso pode ser realizado reproduzindo-se fielmente em sala de aula as situações experimentais utilizadas para estudar a gênese, ou mesmo propondo exercícios e atividades que tenham a mesma estrutura interna.

Neste estudo pudemos perceber que nas salas observadas encontramos alunos: hiperativos, dispersivos, conversadores, polemizadores, apáticos, não cumpridores das tarefas de casa e perturbadores. Apresentamos sugestões de tipos de atividades que o docente poderá praticar em sala de aula para tentar reverter esses conceitos atribuídos aos alunos.

1º caso: É aquele aluno que não pára sentado, que necessita falar o tempo todo, brincar. Esse não necessariamente é um mau aluno, pois pode conseguir alguma concentração na aula em curtos períodos. No entanto, ele logo se desinteressa, se

desconcentra. Nesse caso são infrutíferas ações como falar: *“fulano fique quieto! Preste atenção! Olha que vou te pôr na diretoria!”*

Nossas experiências nos levaram a sugerir que determine o lugar para que esse aluno fique atento. Quando ele começar a ficar inquieto, peça para apagar a lousa, dá um recado a fulano ou à diretora. Encarregue-o para recolher o material da classe, distribuir cadernos e recolher lições. O professor deverá mantê-lo sempre ocupado. Sua hiperatividade deve ser usada como aliada no seu trabalho.

2º caso: Geralmente esse tipo de aluno não atrapalha a aula, mas percebe-se que ele está sempre distante, em seus pensamentos e ao ser abordado pelo professor trazendo-o para a realidade, ele chega a levar um grande susto e até provocando sorrisos nos colegas.

O que fazer? Esse é um aluno que o professor não pode deixar sentadinho lá no fundo da sala, excluído, porque ele nunca lhe dá trabalho. A atenção do professor em relação a ele deve ser redobrada. Sempre que possível o regente deverá mantê-lo ligado, fazendo perguntas diretas. Poderá pedir-lhe que faça algumas anotações sobre a aula dada e que você o escolheu para que suas anotações sejam exemplos de como uma aula deve ser anotada, isso o reforçará e a partir daí talvez ele encontrará forças para combater o seu próprio desligamento.

3º caso: Esses alunos são bem diferentes dos que não param sentados, eles conversam o tempo todo com o colega do lado. Sempre que você o troca de lugar, ele consegue exercer sua influência sobre o novo colega. Estes alunos são chamados de compulsivos conversadores, aqueles que não conseguem ficar um minuto sem conversar. Ao ser pego conversando, imediatamente achará uma justificativa. Sugerimos que o docente determine um lugar para ele, colocando-o sentado entre os mais concentrados da classe, talvez aqueles bons alunos saberão

como resistir às investidas do conversador. O professor poderá atribuir atividades que exigem concentração como: leitura em voz alta, anotações sobre a aula, ditar algumas lições pois, todos os conversadores como gostam de falar, enquadram-se quando se pede sua participação na aula.

4º caso: Toda sala tem um aluno “*do contra*”. Ao se propor uma atividade para ser feita em classe, ele sugere que seja feita em casa, se é dito que um trabalho deve ser escrito, ele reclama achando que seria melhor fazê-lo oralmente e assim sucessivamente. Provavelmente ele quer é se exibir. Quer mostrar aos colegas que tem o poder de impedir o curso normal da aula. O professor deve tentar não polemizar com esse tipo de aluno, não debatendo com ele. Deve usar a técnica que da “*extinção*” de comportamento; excluindo-o, ignorando-o quando ele fizer algumas intervenções inadequadas. Ao fazer isso, possivelmente, ele perceberá que sua perturbação não está surtindo efeito, então ele se calará. Mas se em algum momento ele apresentar uma reivindicação necessária. Deve ser informando que depois, será discutido com ele em sua carteira. Aos poucos ele perceberá que será ouvido sempre que acertar e ignorado quando pretende perturbar.

5º caso: O aluno que não faz a lição de casa.

Existe o aluno relapso não assumido, aquele que faz as lições desleixadamente, com erros, sem capricho e sem revisão. Mas há um outro tipo de aluno que deixa costumeiramente de trazer as lições pedidas. Nesses casos o que fazer? Se o acumular de erros, de pontos negativos, só estará reforçando seu péssimo auto-conceito, deve-se observar se ele traz lições sem fazê-las novamente e na primeira oportunidade, por exemplo, numa aula de fixação de matérias dadas, poderá ser a oportunidade para que ele faça as lições atrasadas. Nessa ocasião, ele deve deixar de participar de alguma atividade que mais gosta na classe, para fazer o

exercício de casa atrasado. Com isso, talvez ele perceberá que ao deixar de cumprir sua tarefa de casa fatalmente perderá algo que o gratificará ou lhe dará prazer.

6º caso: Apesar de todas essas dicas há momentos em que uns desses problemas extrapolam nossos esforços educacionais levando-nos a exigir a retirada do aluno da classe. Esse tipo de punição deverá ser abrangente. Não basta fazer o aluno ver que está perturbando. Ele deverá sair da classe com a tarefa e, fazer isolado, a mesma atividade que está sendo executada pelos colegas. Mas tratando-se de uma aula expositiva, o aluno deverá sair com o livro e trazer um resumo daquele assunto.

Pouco resultado surtiu mandá-lo para fora da classe a fim de ouvir broncas da diretora ou da coordenadora. Também não transformar sua saída em prêmio, mandando-o para o pátio ou recreio antecipado. Ele deverá sair direto para um local onde irá cumprir a tarefa passada. Ao mandá-lo retirar-se da sala, não fale em voz alta para que todos ouçam, pois pode ser que algum queira aprontar para sair da sala também; ao contrário, deve-se dizer em voz baixa e calma, que ele saía da sala.

Em nossas salas temos alunos de todos esses tipos de problema. Algumas dessas atividades foram realizadas por nós e em nosso cotidiano com êxito significativo.

Durante o período de observação para a coleta de dados, em uma das salas observadas percebeu-se que os alunos se encaixavam nos casos relatados anteriormente e a professora regente não sabia como agir diante destes problemas. Alguns dias depois em Atividades Complementares (AC) foram abordadas algumas dessas questões sugerindo que se tentasse fazer essas atividades com o objetivo de sanar a questão. O progresso foi notório.

Cada aluno é de um jeito: tem sua própria história, vida e personalidade. Juntos eles somam tudo isso, a um coletivo repleto de energia da idade que pode freqüentemente ser visto como indisciplina.

Os expressivos setores da imprensa e principalmente a televisão, podem ser fatores de estímulo da indisciplina tanto na família como na escola, pelos péssimos exemplos que transmitem ao educando. Esse problema está começando talvez a fazer parte de várias escolas e também de vários níveis sociais no mundo inteiro.

Sugerimos algumas atitudes que poderão diminuir os casos de indisciplina:

- Não repreender o aluno na frente da classe; chame-o em separado para conversar;
- Nunca humilhar o aluno, com atos ou palavras;
- Se alguém for motivo de risos por parte da classe, interromper tudo e discutir com a turma o motivo desse comportamento, até que concordem que não se deve rir dos outros;
- Evitar a todo custo ter um preferido na classe;
- Não discriminar ninguém por sua aparência, origem social ou mesmo comportamento inadequado;
- Ser sincero, franco e aberto;
- Certificar-se de que todos compreenderam e assimilaram as regras estabelecidas, sendo bem claro;
- Dar-lhes a oportunidade de se manifestar durante a aula.

Durante as pesquisas e reflexões feitas para a realização deste trabalho, ficou claro que o conteúdo trabalhado é de fundamental importância para manter

vivo o interesse dos alunos, pois no futuro, queremos cidadãos autônomos, capazes de exercerem plenamente a cidadania, e para isso, é preciso mudar o jeito disciplinar das nossas crianças.

Esta pesquisa foi interessante, pois superou nossa curiosidade deixando claro que, precisamos mudar nosso método de trabalho, criar novas regras, ter muita paciência, valorizar e trabalhar junto às crianças fazendo novas pesquisas, descobrindo coisas novas e recriando novas regras, propondo assim, novos questionamentos dentro da realidade de cada um.

VII. BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Marli (Org). Pedagogia das diferenças na sala de aula. Campinas, SP: Papirus, 1999. (Coleção Pedagógica)

AQUINO, J. G. Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1996.

DE LA TAILLE, Y. et al (1992a). Construção da fronteira da intimidade: a humilhação e a vergonha na educação moral. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 82, pp. 43 – 55.

DE LA TAILLE, Y. Autoridade e Limite. Jornal da Escola da Vila. São Paulo. n. 2, 1994.

ESTRELA, Maria Tereza. Coleção Ciências da Educação: Relação Pedagógica. Disciplina e Indisciplina. Coimbra, Portugal: Porto Editora Ltda, 1994. 125 p.

FREIRE, Paulo 1920. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. Pedagogia do oprimido, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTH, Hans G. Piaget e o Conhecimento: fundamentos teóricos; tradução de Valerie Rumjanév. Rio de Janeiro: Forence –Universitária, 1974.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projeto de Pesquisa. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p.

GUIMARÃES, Áurea M. Vigilância, Punição e Depredação Escolar. Editora Papirus. 183 p.

IN Educação: COUTO, Cristiane. Elespão fogo. São Paulo: segmento, ano 25. nº 1216 abril de 1999.

KANT, I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. 6ª ed. Porto Alegre, 1995.

LEITE, Luci Banks (Org). Piaget e a Escola de Genebra. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MAFFESOLI, M. O Conhecimento comum: Compêndio de Sociologia Compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARTINS, Jorge dos Santos. Como construir trabalhos científicos: monografias, dissertações, teses, papers, relatórios, etc. Salvador: Editora da UNEB, 1999.

MORAIS, J. T. Regis. O Pensamento Social em uma Época de Crise, Coleção Krisis Entre Educação e a Barbáre. Ed. Papirus, 1983. 91 p.

NÉRICI, Imídeo Giusepe. Didática geral dinâmica. 9 ed. São Paulo: Atlas, 1983.

PÁDUA, Elizabete. Metodologia da Pesquisa. São Paulo: Editora Papirus, 1999.

PIAGET, J. (1994). O Juízo Moral na Criança. São Paulo: Summus (Orig. 1932).

REVISTA NOVA ESCOLA, Abril Editora, Janeiro e Fevereiro: 2001, nº 139, 47 p.

_____, Abril Editora, Maio: 2000, nº 132, 30 - 31 p.

_____, Abril Editora, Junho: 1998, 36 p.

_____, Abril Editora, Junho: 1994, nº 76, 20 - 21 p.

_____, Abril Editora, Agosto: 1996. 19 p.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

TIBA, Içami. Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Editora Gente, 1998.

VIII. ANEXOS

I - ENTREVISTA COM OS PAIS.

- 1- Em sua casa há quantas pessoas?
- 2- Quantos filhos você têm?
- 3- Vocês trabalham? Qual a profissão?
- 4- Quanto tempo vocês ficam fora de casa?
- 5- Com quem seu filho fica, quando não está na escola e vocês estão trabalhando?
- 6- Seu filho tem muitos amigos? Como se relaciona com eles?
- 7- Como é o seu relacionamento com o seu filho? Apresenta alguma dificuldade?
- 8- Seu filho gosta de estudar? Vai à escola com prazer?
- 9- Seu filho apresenta algum problema de comportamento? É agressivo?
- 10- Na sua opinião o que o leva a esse comportamento?
- 11- Vocês procuram dialogar com seu filho sobre os problemas que ele tem?
- 12- Na sua opinião o que deve ser feito para melhorar o comportamento do seu filho?

II - ENTREVISTA COM OS ALUNOS.

- 1- Com quem você mora?
- 2- O que o seu pai faz? Qual a profissão?
- 3- Você faz as tarefas da escola com quem?
- 4- Você gosta dos seus colegas?
- 5- E na escola, do que você não gosta?
- 6- Como é a convivência dos seus pais em casa?
- 7- Você tem algum colega que não se comporta bem na sala de aula, que causa problemas?
- 8- Na sua opinião o que o faz ter este comportamento?

III - ENTREVISTA COM OS PROFESSORES.

- 1- Como é o comportamento dos seus alunos na sala?
- 2- Os alunos têm o mesmo comportamento todos os dias? Em função de que isso ocorre?
- 3- Por que será que os alunos agem assim?
- 4- O que se deve fazer para que os alunos melhorem o comportamento?